

Fragmentos da história cultural/literária baiana: trilhas na formação de uma identidade

Ana Angélica Vergne de Moraes*

Feira de Santana, embora mais conhecida como um grande polo comercial, é, atualmente, uma cidade, baiana, rica em expressões artísticas e culturais, em constante evidência e de reconhecido valor, seja na pintura, na arquitetura, na música, seja na literatura, tais como Eurico Alves Boaventura, Godofredo Filho, Sônia Coutinho, Ana Pires, Rubens e Roberval Pereir (poetas), Célia Pires, Juraci Dórea, Antonio Brasileiro, Marcos Moraes, Herivelto Figueiredo, Gilmário Menezes (pintores e poetas), Carlos Pita, Simone Moreno, Timbaúba (MPB), Dadinho e Caboclinho (cantadores de modinhas populares), para citar somente alguns, nas diversas modalidades de arte.

Para Feira de Santana, que se desligara do eixo da cidade de Cachoeira¹ da qual fora distrito, começaram a convergir, gradativamente, num convívio cultural da maior importância, os vários estratos étnicos, sócio-culturais que ali se integravam, a partir de um fluxo migratório constante e contínuo. Delineou-se assim, uma cultura calcada, de início, nas peculiaridades folclóricas e populares, produto desse exercício diário, na troca artístico-cultural de costumes, de expressões vocabulares, da literatura popular de forma espontânea, ampliando-se para formas mais elaboradas de alguns escritores da época, reunidos em livros, organizados e impressos (em geral, mimeografados) pelos próprios artistas, dos

* UEFS.

¹ Grande comarca onde estava um dos maiores Portos de importação e exportação de mercadorias da Bahia – local que incluía a fazenda Sant'Anna dos Olhos d'Água atual Feira de Santana.

quais destacamos: “Florilégio”; “Poesias de Aloisio Resende”; “Poetas Feirenses”, etc.

Considerando que os estudos, nesta esfera artística e literária, estavam em torno das expressões artísticas contemporâneas, faltava uma incursão às fontes existentes, para um mergulho nos diversos escaninhos, de onde se poderia retirar experiências interessantes e antecipadoras da vocação artística da cidade. Sabendo da existência de textos dispersos, de escritores de final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, a partir de um trabalho de pesquisa, encontramos, entre muitos: a poetisa e musicista Georgina de Melo Erismann, os poetas e cronistas Francisco Sales Barbosa, Filinto Bastos, Aloísio Resende, Joventino Pitombo, Maria José Carneiro, Estefânia Menna, Alcina Dantas, Florísia Moraes, Honorato Filho, Edite Mendes da Gama e Abreu, Eulina Thomé. Estas duas últimas boas conferencistas e representantes, na época, da corrente feminista (ausentes da memória viva dos conterrâneos e ainda à espera de um trabalho mais sistemático de recuperação, reconhecimento e divulgação).

Evidenciou-se a oportunidade de, sendo professora, na Universidade Estadual de Feira de Santana, e comprometida com os estudos e a difusão da Literatura Baiana e Brasileira, o que é importante para formação da memória literária do Brasil., realizar uma pesquisa que possibilitasse aos estudiosos e interessados, um objeto de estudo, sobre a vida cultural e literária feirense, referente ao período em que Feira de Santana transformava-se numa comunidade em destaque, no cenário baiano. Cidade que era densamente povoada, e conhecida como entreposto de convergência, de quase todas as matérias primas embarcadas do interior para a metrópole. Era também o principal centro de distribuição de produtos vindos da capital. Realizava-se, ali, nas primeiras décadas do século, um intenso volume de negócios na grande feira semanal da cidade.

Nas alternativas de estudos do resgate da memória cultural, optamos, portanto, pelo enfoque da cidade de Feira de Santana, no seu viés cultural – literário. Buscamos resgatá-la através da sua representação em periódicos, entendendo o fenômeno urbano como acúmulo de bens culturais² e encarando o jornal como uma espécie de veículo de novas possibilidades de registros, um dos suportes de memória das cidades. Compreendemos, também, o periódico como um dos instrumentos de preservação, que queremos privilegiar como fonte espontânea, de expressão cultural, de

² BOSI, Eclea. *Memória e sociedade*. São Paulo: Quetzal, 1979.

uma boa parcela da população urbana.

Inicialmente, fizemos uma síntese descritiva do histórico-sociocultural da cidade, história já contada por outros pesquisadores, falas geralmente respaldadas por um saber científico e sempre de um lugar autorizado:

- o fazendeiro da cidade *Arnold Silva* nas 250 “Crônicas Feirenses” publicadas, entre 1923/1952, no jornal *Folha do Norte*, resultado de exaustiva pesquisa;
- o pesquisador alemão *Rollie Poppino* no livro “Feira de Santana” (1968);
- o artista plástico e poeta *Juraci Dórea* com o livro “Eurico Alves-poeta baiano” (1978);
- o antropólogo e professor da Universidade Estadual local (UEFS) *Vicente Deocleciano Moreira*, num trabalho de resgate intitulado “Projeto memória da feira de Feira de Santana” publicado na revista *Sitientibus* de 1983 até 1986, em forma de ensaios, além desses, outros que se dedicaram a temáticas específicas.

Nessas leituras e óticas peculiares, e por entre esses diferentes olhares, descobrimos, em nossas observações, que simultaneamente, à história comercial e agropecuária foi-se concretizando, ao longo das primeiras décadas do século XX, uma história cultural e literária que se alimentou e se desenvolveu na, e com a sociedade urbana local.

Considerando a leitura do cronista *Arnold Silva*³ imaginamos que pelo teor e seleção das notícias, no jornal, tenha havido por parte do editor uma intenção de registrar, de forma escrita e divulgar para todos os leitores, os fatos e acontecimentos que reascenderiam, por certo, na memória dos cidadãos feirenses, suas raízes histórico-sociais. As informações, por ele recolhidas, ainda se encontravam dispersas nos arquivos (públicos e privados) e bibliotecas (públicas e privadas) e só então, passaram a existir de forma organizada e sistematizada em forma de crônica-relatos, intituladas inicialmente, “Vida Feirense” e depois “Crônicas Feirenses”. Publicadas, semanalmente, no lado esquerdo, parte superior, da primeira página do jornal *Folha do Norte*, periódico de 1909 e até hoje em circulação na cidade.

Não podemos deixar de anotar o valioso trabalho de preservação, dessas crônicas, realizado pelo professor da Universidade

³ Um dos diretores do jornal *Folha do Norte*, um pesquisador autodidata, dedicou trinta anos na pesquisa da história socioeconômica e histórico-cultural da cidade. Escreveu 250 crônicas-relato e outras do cotidiano.

Estadual de Feira de Santana (UEFS), Monsenhor Renato de Andrade Galvão⁴ que, pacientemente, as organizou em seis livros especiais além de microfilmá-las. Encontram-se no Centro de Estudos Feirenses da Casa Museu do Sertão na UEFS.

Procuramos, contudo, fazer o registro de parte dessa memória da cidade, com um novo olhar na leitura dos fatos, considerando a transição entre o crepúsculo do século XIX e os olhares do século XX, período marcado por fortes tensões histórico-sociais e evidenciando possíveis reflexos dos acontecimentos nacionais da vida da cidade, e, em especial, da vida literária de Salvador, cidade metrópole.

Nesse propósito, recorremos ao jornal *Folha do Norte* e através dos registros encontrados socializamos o momento dos escritores ali publicados, explicitando a importante função cultural que exerceram, incorporando-os, contemporaneamente, a um projeto mais amplo de resgate da memória baiana. Na linha das diferenças culturais, através de textos construtores da memória da cidade, reunimos os elementos que poderão compor o que chamaremos, de retrato cultural/literário da cidade de Feira de Santana.

A pesquisa, de fontes primárias, a partir do modelo de José Aderaldo Castelo⁵ apontou-nos os tipos de textos mais frequentes, além de fazer surgir um elenco de escritores e jornalistas oriundos da própria cidade. Organizamos, então, com os escritores e artistas que participaram e continuam participando desse tecido cultural, um quadro parcial do que se constitui a memória da cidade.

Ficamos conhecendo a cidade, pelo viés do jornal, e percebemos o que lia e o que escrevia a sociedade feirense na última década do século XIX e nas primeiras décadas do século XX.

Era esse o momento, das manifestações literárias feirenses, utilizando uma expressão conhecida na História da Literatura Brasileira, o qual pretendemos consolidar a partir das pistas que nos levariam ao caminho da desejada identidade cultural, ainda que caracterizada como formas incipientes na linha dos "estudos identitários" e dos "estudos culturais". No contexto literário da época, Feira de Santana, como as demais cidades acompanhava as pegadas das cidades "capitais". No caso, as "influências" do eixo Rio/São Paulo e mais próximo as de Salvador.

Notamos a presença de muitos colaboradores no jornal não só baianos como também de outras cidades do país. O jornal publica-

va textos de autores já consagrados na época tais como Viriato Correia, Alberto Oliveira, Alfonso de Guimarães, Olavo Bilac. Pelo que pudemos perceber eram fortes as correntes literárias parnasiana e simbolista, como nos versos seguintes:

ONTEM E HOJE

Partiu, Voltou. Com a alma a tudo afeita
Acolhe resignado a desventura
De que, afinal, de tortura em tortura,
Fez a mais farta e mais cruel colheita.

Nem mais sequer a sua mão enjeita,
Nem mais dos lábios afastar procura
Esse travo de fel e de amargura
Que o mau destino em sua taça deita

Ontem a alma sem freio e sem brida,
Tendo sonhos e risos por escolta,
Partia. Hoje a tarefa concluída,

Regressa; ao regressar suspiros solta,
E o bastão rico que levou na ida
Lhe serve de muleta para a volta

Júlio César da Silva
(F.N., 13. 5.1924)

Contudo, independente das influências da época, havia uma intenção de louvar a terra e retratá-la nos versos como o poeta popular João Afonso cognominado *O cego*:

A "musga" maragogipana⁶
Veio a Feira passear
Encontrou a "25"⁷
E foram juntas tocar
É quando surge um sujeito
Tratando de anarquizar
dizendo: "musga" de fora
não faz fé aqui na Feira,
por melhor que se apresente,
só tem de andar na carreira
Estava dado o princípio
começava a baboseira.

⁴ Professor da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana - pesquisador da vida histórico-social da cidade.

⁵ NAPOLI, Roselis. *Lanterna verde e modernismo. A pesquisa de periódicos na Literatura Brasileira*. São Paulo: IEB, 1970, p. 5-12.

⁶ Antigo distrito, hoje cidade da região.

⁷ Antiga filarmônica da cidade, hoje não mais existe.

Não sendo filho de Feira,
Mas de lugares distantes
Não quer ver o povo unido,
As musgas alegres constantes:
Transformou-se a festa em rolo,
no meio dos puxavantes.

Dentro em pouco trocam tiro,
surge um cidadão baleado:
João André e Antônio Gomes
foram os dois prejudicados
Sinhô Surunga caiu:

Meu Deus, estou liquidado
(F. N., 5.08.1911)

Ainda do repentista *João Afonso*, encontramos os versos onde se mesclava o religioso e o profano, retratando as festas populares, o poeta conclamava o povo para as festas de Sant'Ana:

Nossa egrégia padroeira
Nosso fanal nosso escudo
Augusto padrão da Feira
Vamos todos em demanda
Do festejo desse dia
Quer da cidade ou de fora
Moços, velhos, é folia.

O cantador também canta as proezas de figuras da cidade que se mostram arrojadas e valentes. Nos versos, a narrativa de situações cotidianas da cidade:

Quando veio o Licuri
Chegou nesta condição
Veio em mangas de camisa,
Chapéu velho e pé no chão.

Quando entrou aqui na Feira
Já foi fazendo explosão
Encontrou-se com Fobado
Que era um grande valentão.

Perseguiram Licuri
E jogaram na prisão
Mas um dia ele soltou-se
Saiu do quartel zangado
Já no *Beco do Mocó*
Tudo estava entrincheirado
Guarraio mais Salu Preto
Caetano e Antonio Fobado

Assim que avistaram o homem
Trataram de se reuni
Fobado com uma pistola
Atirou em Licuri,
mas o nego é mandingueiro,
Fez a pistola menti

Caetano saiu correndo,
Parecendo o satanás
Fobado correu na frente
Licuri correu atrás

Caetano saiu correndo
P'ra *Beco do Castanheiro*
Na carreira que seguiu
Perdeu dez tões em dinheiro.

Eu sei que Licuri
Faz a pintura cão
Dá nos valentões da Feira
Ganha sempre na questão.

(F. N., 1911)

Assis Tavares, um outro poeta popular, apelidado de "O Camponês", fazia o registro dos acontecimentos em versos ou em boa prosa, despertando, assim, o interesse dos leitores sobre assuntos da cidade:

TROVANDO

Enquanto lutam ferozes
Três partidos nesta terra
João regente grita, berra
E já lhes digo porque

Quando partirem as nozes
Só lhe deixarão aparas
E dirão - rei das araras
Quem se importa com você

(F.N., 5.8.1911)

Observe-se aí o tom de chiste e de ironia nos ataques a políticos da época. A linguagem mais aproximada da forma culta e num clima metafórico. Era uma célula da expressão cultural da cidade.

Os versos abaixo falam de uma velha contenda acerca do local onde se deveria afixar o Cruzeiro da Igreja Senhor dos Passos:⁸

⁸ Antiga Igreja da cidade, ainda faz parte do patrimônio local.

De Herodes para Pilatos
Andaste meu bom Jesus
No mesmo jogo d'empurra
Ainda aqui a vossa cruz
Na praça João Pedreira
Querem uns a cruz plantar
E ao lado da vossa Igreja
Mandam-na outros deitar.*

(F.N., 7.9.1911)

Fazendo parte desse elenco de artistas da palavra, as mulheres também ganhavam, gradativamente, o seu espaço. Sem nenhuma pretensão de retratar aqui a questão de gênero, não podemos esquecer da participação feminina nesse contexto cultural da cidade. Encontramos a escritora e musicista *Georgina de Melo Eris-mann* exímia pianista e apreciada declamadora de versos em sole-nes saraus, deixou escrito quarenta e dois poemas, alguns musica-dos para carnaval, e outras para serem declamados; *Estefânia Men-na*, astuta e atenta aos fatos do dia a dia e mestra no traçado de perfis da cidade sempre em tom caricatural e impregnado de forte ironia; *Alcina Dantas*, expressava uma sensível afinidade com a natureza, e com a simplicidade das coisas do cotidiano.

fina verve e muita graça
 numa festa dá prazer
 não conta jamais desgraça
 acha a vida uma chalaça
 rir, brincar até morrer
 fina verve e muita graça
 numa festa dá prazer.

(F.N., 5.3.1918)

tem carta de fazendeiro
afortunado porvir
para lidar com vaqueiro
tem cara de fazendeiro
lá na roça há de cair
tem cara de fazendeiro
Afortunado porvir.
Estefânia Menna

(F.N., 7.9.1918)

DUAS ROSAS

Duas rosas: Há numa o sorriso que fala
Noutra a suave olência que o nectário exala
Das pétalas de uma o matiz é tão lindo!
A outra tem a graça que me seduz sorrindo
Rosas, magos escrínios de aroma inebriante
Avista delícias de perto e de distante.

Que lindas são as rosas que me deste!
Há nelas
Candor
Frescor
São tão belas, tão puras, tão mimosas!
Afinal, são rosas,
Rosas de amor
Que primor!
Alcina Dantas

(F.N., 5.10.29).

Ainda, entre as vozes femininas, encontra-se a poetisa Florísia Moraes que se incorpora entre os cantadores da terra, da natureza sertaneja e deixa em seus versos as marcas de um sertão, no regis-tro do cotidiano de tantas vidas. E, na sensibilidade e sutileza de leitura inscreve-o num tempo/espaço, tão significativamente fixa-do em sua memória. De um longo poema intitulado a filha do boi-adeiro – crepúsculo ardente e nostálgico da seca retiramos trechos que se vão juntar a outras expressões poéticas feirenses formando uma conjunção de elementos construtores dessa identidade regio-nal:

Sentado à porta da cabana,
As mãos cruzadas,
Sobre os joelhos mirrados,
O olhar perdido,
Na fímbria longínqua
Do horizonte
Onde bailavam
Nuvens pardacentas.
O boiadeiro cismava
Implorando aos céus
O milagre da chuva.

Nos campos
Por onde outrora passei,
Tangendo os bois,

* Versos publicados no jornal *Propulsor* em 7.9.1899 e transcrito na *Folha do Norte*, em 7.9.1911.

Já não cintilam
Esmeraldas de folhas verdes,
Nem rubis de folhas pequeninas...

(F.N., 1940)

Aloisio Resende, considerado pelos seus contemporâneos um dos primeiros grandes poetas da cidade, se caracterizará como o primeiro poeta a resgatar a presença da cultura afro na memória cultural de Feira de Santana. Resolve conhecer e participar dos terreiros de candomblé da cidade e, assim, nasce a intenção de registrar, pela poesia, esse elemento forte que consolida a relação identitária das raízes negras. O poeta Aloisio Resende, se identificou com a tendência estética parnasiana ainda vigente na época, destaca-se, contudo, na originalidade temática quando privilegia as raízes afro da cidade e o faz em versos alexandrinos, de boa qualidade estética. Escreveu alguns poemas nos quais retratava os ambientes e personagens, dos terreiros de candomblé, com os quais teve um bom período de intimidade. Em "Manoel de Xangô" podemos ler:

De Manoel de Xangô distante corre a fama,
Pois dele o povo diz coisas tão singulares,
Que bem pouco há descrever do quanto se proclama
Desse babalaô de exóticos egares.

Quando na intimidade, ali no seu terreiro
Deixa como de parte os recatos e as manhas
Deixa para se vê o ousado macumbeiro
Com trejeitos expondo de múltiplas façanhas.

Entanto em se lhe vendo a vez primeira crê-se
de uma pobre criatura, apenas, se tratar,
porque nada de mais nos falsos gestos lê-se
Que o pai-de-santo venha ao menos revelar

Acho desse poder que então Xangô lhe dera...
De já Ter acabado um próximo casório
É de que mais se ufana o cafuz da Tapera
E diz que tudo fez com simples responsório

(Aloisio Resende – do livro *Poesias* – 1979)

Godofredo retoma a sua infância e relembra a imagem guardada do sertão: como observamos nos fragmentos:

Feira de Santana
Minha terra lindamente chantada¹⁰ no planalto
Minha terra boa, minha terra minha, é lá que eu quero dormir o
meu grande sono, sem felicidade
nem tortura de sonho, muito longo, muito longo, dentro do enorme
coração vermelho do céu florido.

Feira de Sant'Ana do grande comércio de gado
nos dias poeirentes batidos de sol compridos
Feira de Sant'Ana
das segundas-feiras de agitações mercenárias
correrias de vaqueiros encourados

tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes
barracas esbranquiçadas à luz e as manadas pacientes que vêm para
ser vendidas de bois do Piauí, de Minas do sertão brabo e até Goiás.

(Godofredo Filho, "Poema a Feira de Santa'Ana", 1926)

Eurico Alves, outro filho da terra, solta o seu canto de saudade e deslumbramento. Em seu poema "Canção da cidade amanhecendo", fala do planalto, das largas estradas e ele a chama de: "Feira de Santana minha linda cidade adolescente!". E prossegue dizendo:

Feira de Santana, minha cidade adolescente!
Entre a fidalga melancolia das ruas aristocráticas
[e o alegre movimento do bairro comercial,
[há o vivo rumor que se espalha pelas tuas ruas
[largas e retas como gargalhadas ao sol,
vozes rudes dos sertões bravios e longínquos,
canariando na tua boca besuntada de sol;
vozes amigas confraternizando-se na alegria do encontro
[imprevisto,
de estudantes vindos de outras cidades, tagarelando a felicidade
[da adolescência
de fazendeiros satisfeitos com a grita da chuva, que brinca sobre
[o corpo da terra,
fecundando-a, florindo-a;
Amo esta poesia que vive na alma clara e musical da minha cidade!
a poesia desses bois mansos que romperam distâncias
e trazem o acre perfume selvagem do mato bravo, de terra pisada
[de chão virgem,
de chapadões imensos...

(Eurico Alves, "A canção da cidade amanhecendo", 1937)

¹⁰ Chantada quer dizer plantada – trecho do poema de Godofredo Filho.

Em seu outro poema, ao qual ele deu o título de “Minha Terra”, aparecem, bem claro, os elementos que sintetizarão a identidade da terra. O poeta resgata e sugere uma identidade masculina para a sua cidade, a quem foi dado o nome de Feira de Santana, a Princesa do Sertão.

Minha terra é um garoto mulato
é um menino medroso
mas ele só tem medo das alma do outro mundo...

minha terra é um menino
é um vaqueirinho
vestido de couro
as calças de couro
cobrindo as listradas.
o parapeito e o jaleco.

minha terra é um menino
que planta feijão
e fuma cachimbo
e toma torrado
e bebe cachaça
e masca fumo de Inhambupe
minha terra não é moça
minha terra é menino.

(Eurico Alves Boaventura, “Minha Terra”, 1928)

Concluída a tarefa de leitura e de sistematização de quase 500 textos de autores brasileiros baianos e feirenses, confirmamos o objetivo de, nesse conjunto, fazer o recorte para os escritores da cidade e comprovar que essas pessoas viveram num percurso de tempo, no qual foram marcas especiais, e deixaram o legado de uma singular experiência literária. Também, pelos registros realizados, queremos evidenciar que esse tempo, além de histórico, revelou uma forte marca de cultura e de gosto pela leitura literária. Esse quadro que procuramos compor vai se afirmar, bem mais, a partir dos meados da década de 30 com os poemas de Aloisio Resende, Eurico Alves Boaventura e Godofredo Filho, e na década de 40 amplia-se com a contribuição de outros poetas, e, entre eles, Antônio Lopes.

É importante ressaltar que a constatação da presença de escritores feirenses, no período selecionado foi fruto, de um lado, da nossa vontade de descrever e fazer sair das sombras do esquecimento para o presente, obras que podem e devem permitir novas leituras e, por outro lado, numa atitude de celebração, poder resgatar, para um tempo novo, os primeiros elementos que constituíram

a identidade cultural da cidade, num determinado contexto, para além dos preconceitos, e do rigoroso formalismo de algumas correntes estético-literárias. Por conta disso, descobrimos textos de qualidade estética e dignos de serem incluídos no cânone literário baiano.

Nossas leituras estão fundamentadas em textos de teóricos e críticos que se incorporam na linha de “estudos identitários” e “estudos culturais” na compreensão de que, fazendo o registro dessa memória, garantimos a sua permanência e contribuimos com a incorporação de dados relevantes para composição da memória cultural-literária da região. E, desse modo, permitimos, em novo tempo, a socialização desse momento, enquanto explicitamos a vivência cultural na qual esses escritores foram líderes, com expressão e sensibilidade, na produção artístico-cultural e na percepção de sua cidade. Uma cidade que teve origem de uma fazenda denominada Sant’Anna dos Olhos d’Água, que ficava na freguesia de São José das Itaporocas. Era, no começo, um simples caminho, ponto de parada dos caminhantes, viajantes que trafegavam do e para o porto de Cachoeira, provenientes das várias regiões do interior, e de zonas mais centrais do país, em busca do Atlântico. Situada entre o Recôncavo e o Sertão Baiano, num tabuleiro cortado pelas nascentes dos rios Jacuipe, Pojuca e Subaé (nascentes de água). Daí o seu nome inicial de *Sant’Anna dos Olhos d’Água*.

Bibliografia específica

- BOAVENTURA, Alberto Alves. *Poetas feirenses*. Bahia: Padrão, 1973.
- . (coord.). *Florilégio*; poesias Feira de Santana (BA): Centro Cultural Amélio Amorim, 1984.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Bahia: Centro Editorial Didático da UFBA, 1989.
- . *Poesia*. Organização de Maria Eugênia Boaventura. Salvador: Artes Gráfica, 1990.
- DÓREA, Juracy. *Eurico Alves poeta baiano*. Feira de Santana, BA: *Jornal Feira Hoje*, 1978.
- GODOFREDO, Filho. *Irmã poesia: seleção de poemas*. Apresentação de Edivaldo Boaventura. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- MORAIS, Ana Angélica Vergne de. *Sant’Anna dos Olhos d’Água —resgate da memória cultural de Feira de Santana (1890-1930)*. Dissertação (Mestrado). Salvador, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 1998.
- POPPINO, Rollie. *Feira de Santana*. Tradução de Arquimedes Guimarães Pereira. Bahia: Itapuã, 1968.

PORTO, Cristiane de Magalhães. *Uma poética da Mnemosyne: Feira de Santana 1940-1945*. Dissertação (Mestrado). Salvador: Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 1999.

REZENDE, Aloísio. *Poesias*. Homenagem de Antônio Lopes e Alberto Alves Boaventura. Feira de Santana, 1979.

SAMPAIO, Gastão. *Feira de Santana e o Vale do Jacuipe*. Salvador: Bureau, 1980.

Periódicos

Folha do Norte, Feira de Santana Bahia, 1923/1952. Coluna "Vida Feirense".

Jornais avulsos do século XIX nos arquivos de Monsenhor Galvão.

Jornal Feira Hoje, 1981.

Jornal Folha do Norte. Feira de Santana: 13-24-31 / 01 / 20, p. 2.

MOREIRA, Vicente Deocleciano. Projeto memória da feira livre de Feira de Santana. *Sitientibus*, revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, ano 2, n. 3, p. 132-134, jul./dez. 1983; ano 5, n. 8, p. 131-133, 1988.